

Fernanda Coelho

É jornalista, mestranda e bolsista Fapemig da linha Comunicação e Identidades do PPG-com/UFJF e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania. Sua área de pesquisa concentra-se na temática mídia, identidade e cidadania.

Cláudia Regina

Lahni

É jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professora da graduação e do mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania.

Negritude como tema em projeto com jovens

Blackness as theme in project with young people

Negritud como tema en proyecto con jóvenes

239

RESUMO

A mídia massiva tem grande impacto na (re)formulação das identidades e nos conceitos e preconceitos que circulam na sociedade. Tal impacto é potencializado quando nos referimos às minorias, como jovens e negros. Por isso, iniciativas que busquem a valorização da identidade e cidadania tornam-se tão importantes e prementes. No presente artigo pretendemos expor como a temática da negritude foi desenvolvida no Projeto *Jornal e Rádio na UFJF: Território de Oportunidades*¹. Na oficina de rádio os jovens escolhiam temas relacionados a seu cotidiano, produziam os programas e faziam a locução. Um dos temas recorrentes foi a negritude. Pelas discussões e produções acreditamos que a oficina de rádio tenha contribuído para a valorização da cultura negra e para a tomada de consciência da cidadania dos adolescentes.

Palavras-chave: comunicação; cidadania; jovens; negritude.

ABSTRACT

Mass media has a major impact on the (re) formulation of identities, concepts, and prejudices that move around in society. This impact is aggravated when referring to minorities, such as the young blacks. Therefore, initiatives that seek the recovery of identity and citizenship are very important and urgent. In this article we intend to explain how the issue of blackness was developed in the Project Newspaper and Radio in UFJF: Land of Opportunities. In the radio workshop, the young people chose themes related to their daily life, produced and presented the programs. Blackness was one of the recurring themes. Through the discussions and productions, we believe that the radio workshop has contributed to the appreciation of the black culture and to the adolescents' awareness of their citizenship.

Keywords: communication; citizenship; youth; blackness.

RESUMEN

Los medios de comunicación masivos tienen grande impacto en la (re)formulación de las identidades que circulan en la sociedad. Tal impacto es potenciado cuando nos referimos a las minorías, como los jóvenes y los negros. Por eso, iniciativas que buscan la valoración de la identidad y ciudadanía se vuelven tan importantes y urgentes. En el presente artículo pretendemos exponer como la temática de la negritud fue desarrollada en el proyecto *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*. En el taller de radio los jóvenes escogían los temas relacionados al su cotidiano, producían los programas y hacían la locución. Uno de los temas recurrentes fue la negritud. Por medio de las discusiones y producciones creemos que el taller de radio contribuyó para la valoración de la cultura negra y para la toma de conciencia de la ciudadanía de los adolescentes.

Palabras clave: comunicación; ciudadanía; jóvenes; negritud.

Data de submissão – 8/3/2010

Data de aceite – 8/10/2010

¹ Este projeto, desde dezembro de 2007, integra o *Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária*, projeto de extensão em interface junto à pesquisa, coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Lahni e financiado pela Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais).

Introdução

Apesar de conquistas importantes como a redução das diferenças entre brancos e negros na educação, o Brasil ainda enfrenta desigualdades raciais. Seja na economia, na educação ou na mídia, os negros não ocupam as mesmas posições que os brancos. Apresentamos, mais adiante, outros dados que comprovam a segregação racial no Brasil.

Na sociedade contemporânea enfrentamos um processo ao qual Hall (2002) chama de “crise das identidades”. O autor explica que os indivíduos estão perdendo seus referenciais e, com isso, o sentido de si. Assim, esses indivíduos tendem a buscar identificações nos meios massivos e, dessa forma, a mídia adquire papel decisivo na constituição das imagens e identidades coletivas e individuais.

Muitas vezes, a mídia de massa contribui para a constituição de estereótipos, preconceitos e para a subalternização dos negros. Diante da importância e da influência da mídia na sociedade brasileira, torna-se urgente a busca por uma comunicação mais democrática e plural e menos estigmatizante. Para isso, é importante que cada cidadão se aproprie de seu direito à comunicação.

Nesse sentido, apresentamos aqui o projeto *Jornal e rádio no UFJF: Território de Oportunidades*.

No projeto, os jovens passaram de receptores a emissores de informação e cultura e puderam, assim, ter outro posicionamento perante a comunicação. No presente artigo trataremos especificamente de como a pauta “negritude” foi abordada nas oficinas e da importância disso para a cidadania dos jovens envolvidos.

242 Identidade, cidadania e mídia

Definir, identificar e proteger as identidades culturais em meio a um processo amplo de homogeneização torna-se, hoje, um desafio. A cultura e a identidade negras, assim como outras, estão inseridas num contexto de perda e de mudanças das identidades. Para Hall (2002), a sociedade enfrenta uma crise de identidade que é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Segundo o pesquisador, um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas desde o final do século XX. Hall explica que está havendo uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Stuart Hall considera que tais transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Conforme Canclini (2001), a identidade passa a ser concebida como foco de um repertório fragmentado de minipapéis, mais do que como núcleo de uma

hipotética interioridade contida e definida pela família, pelo bairro, pela cidade, pela nação ou por qualquer um desses enquadramentos em declínio.

Kabengele Muranga (2006) afirma que um mesmo indivíduo, um mesmo ator coletivo, pode possuir muitas identidades. Essa pluralidade de identidades pode engendrar tensões e contradições, tanto na imagem que o indivíduo tem de si como na ação no seio da sociedade.

Segundo Stuart Hall (2002), em meio ao consumo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam as identidades, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global que pode traduzir todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”. A era da globalização, apontada por Hall como uma sociedade de mudança constante, rápida e permanente, é caracterizada também pelo estabelecimento da “sociedade da informação”.

Lara Linhalis Guimarães (2007), no artigo intitulado *Pensar a comunicação para valorização das identidades culturais*, diz que a chamada “sociedade da informação”, marcada por fluxos comunicacionais diversos e acelerados, é entendida como aquela em que dispor de dados informacionais diversos torna-se essencial no desenvolver das relações sociais cotidianas, tanto em nível de socialização, como no âmbito das relações de poder, práticas culturais e no exercício da cidadania.

Para chegar-se ao pleno exercício da cidadania é preciso alcançar a democratização dos meios de comunicação. A pesquisadora Cicília Peruzzo acredita que:

O acesso do cidadão aos meios de comunicação na condição de protagonista é fundamental para ampliar o poder de comunicar. Quando esse protagonismo é desenvolvido pelas organizações de interesse social ocorre uma possibilidade maior de se colocar os meios de comunicação a serviço do desenvolvimento comunitário e desse modo ampliar os direitos à liberdade de expressão a todos os cidadãos. (PERUZZO, 2006, p. 26).

Peruzzo vai além. Para ela, atualmente é necessário transcender (e não abolir) a concepção de democratização do acesso aos meios de comunicação. Deve-se tratar agora da democratização do poder de emissão. Segundo ela, democracia no poder de comunicar é condição para a ampliação da cidadania em sua dimensão cultural, que por sua vez se entrelaça nas lutas pela democratização das outras dimensões da cidadania, como a econômica e a política (PERUZZO, 2006, p. 19).

As imagens e representações disseminadas pela mídia têm grande importância na construção das identidades. Canclini (2001) afirma que os referentes de identidade se formam, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore – que durante séculos produziram os signos de distinção das nações –, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana.

Pensando na identidade negra no contexto brasileiro, Muranga (2006) afirma que, no Brasil, as culturas produzidas por várias comunidades não vivem em territórios segregados. Salvo a realidade das sociedades indígenas, com as quais não convivemos,

adverte o autor, no Brasil contemporâneo existe um processo de transculturação inegável.

Visto deste ângulo, aqui as cercas das identidades vacilam, os deuses se tocam, os sangues se misturam. Mas, nem por isto devemos sustentar a idéia de uma identidade mestiça que seria uma espécie de identidade legitimadora, ideologicamente projetada para recuperar o mito de democracia racial. Para construir unidade nacional não é preciso unidade cultural. (MURANGA, p. 39).

Conforme Danubia Andrade (2009), o que diferencia os negros dos não-negros, tanto no continente africano como aqui, são os direitos que lhes são negados, os anos de escola que deixam para trás, os postos de trabalhos que devem ocupar, os salários que recebem, os serviços públicos que lhes são oferecidos, as maneiras estereotipadas e estigmatizadas de suas representações midiáticas, e assim por diante.

O corpo negro, de acordo com a autora, é estigmatizado por traços facilmente identificáveis, como a pele escura, o nariz largo, o quadril grande (no caso das mulheres) e os cabelos crespos. Diante destes signos de negritude, o olhar do outro, bem como o olhar do negro sobre si, perde-se nas estratégias de significação anteriormente descritas, e enxerga as habilidades para a dança, aptidão para música e ritmo, sexualidade aguçada, inferioridade intelectual e fraqueza de caráter.

Segundo a pesquisadora, em nossa sociedade, o racismo aloja-se em novas modalidades institucionais, encontrando na mídia um dispositivo eficaz e sutil para sua propagação. Andrade acredita que, além de se

estabelecer nas relações sociais sob a forma de exclusão, a discriminação racial e as manifestações que depreciam a identidade negra, como representantes do imaginário das elites, têm seu lugar nos conteúdos midiáticos por meio de seus discursos e imagens.

Entretentes, a mídia não apenas cria novos estereótipos, mas também reitera aqueles difundidos no cotidiano da população brasileira, alimentando-se fartamente de elementos presentes no senso comum. As ideologias dominantes, através do senso comum, tornam um fato socialmente construído em um fato naturalizado. Esta *naturalização* da inferioridade do negro e dos estereótipos a ele vinculados esconde os interesses de determinados grupos em segregar e oprimir. (ANDRADE, 2009, p. 38).

A autora afirma que o “racismo midiático” também pode ser percebido na invisibilidade dos negros, na negação de sua existência. No telejornalismo, o que se observa, segundo ela, é um destaque momentâneo à questão racial, concedido em data específica, o 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Já nas telenovelas, o tratamento do preconceito racial esteve à margem de outros debates sociais, em detrimento dos temas da corrupção, independência feminina e homofobia. Este entra em destaque apenas a partir da década de 1990 e passa a figurar as tramas protagonistas muito recentemente, nos anos 2000.

Avaliamos que a presença dos negros nas telenovelas, produto midiático de grande impacto, merece atenção especial. Lahni e Figueiredo (2008) explicam que nas telenovelas, geralmente, o número de personagens negros é insignificante se comparado

à realidade populacional brasileira, sendo suas aparições relegadas a papéis coadjuvantes e figurantes para romance entre personagens brancos. O afro-descendente somente atuará em papéis principais se houver evidências necessárias de ator negro. Com os filmes nacionais a situação é semelhante.

A realidade dos filmes nacionais praticamente não difere da situação das novelas brasileiras. O negro ainda é usado como ator ou atriz, para interpretar personagem subalterno, empregados domésticos, motoristas, bandidos, pobres, escravos, favelados, reforçando o que já é mostrado diariamente nas telenovelas. Na tentativa de amenizar essa realidade algumas novelas já mudaram de postura, embora de forma questionável, por exemplo, colocando como protagonista negra a atriz Taís Araújo interpretando Preta, na novela *A cor do pecado* em 2004, na Rede Globo. Porém, o número de atores negros foi insignificante e restrito aos personagens centrais. (LAHNI; FIGUEIREDO, 2008, p. 6).

Diante da não valorização dos negros pela mídia, às vezes, os próprios indivíduos da população negra não se aceitam e não se reconhecem como tal, escondendo características que os definem como negros, como forma de evitar a rejeição, serem aceitos mais facilmente em sociedade e incluídos no padrão de beleza europeu. As autoras explicam que atrizes e atores negros não têm a mesma aceitação que os brancos; afro-descendentes os rejeitam e rejeitam sua própria origem, já que foram imbuídos de uma imagem padronizada de beleza, durante anos, diferente da sua.

Conforme Canclini (2001), a cidadania já não se constitui apenas em relação a movimentos sociais locais, mas também em processos de comunicação de massa. A mídia tem, portanto, grande importância na construção das identidades e na valorização ou desvalorização de culturas, dentre elas a negra.

Os negros na sociedade

O histórico da população negra no Brasil é marcado pela escravidão, e mesmo após a abolição os negros não alcançaram a liberdade, tampouco a igualdade. Atualmente, o que vemos no Brasil é uma sociedade que se autodeclara não preconceituosa. No artigo *Ser negro no Brasil hoje*, Milton Santos (2000) usa o pensamento de autores como Florestan Fernandes e Octavio Ianni para explicar o preconceito em nossa sociedade. Segundo eles, entre nós, feio não é ter preconceito de cor, mas manifestá-lo. Por isso, Santos conclui que toda discussão ou enfrentamento do problema torna-se uma situação escorregadia.

Ribeiro (2004) explica que, embora os negros no Brasil sejam considerados minoria, assim como os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas e, atualmente, os ambientalistas, é apenas no sentido de inferioridade simbólica ou de contrário da maioria como voz ativa. No caso dos afro-descendentes brasileiros, especificamente, essa norma se aplica apenas nesse sentido, de não ter voz ativa, porque em termos quantitativos populacionais o Brasil é, em sua maioria, mestiço e negro. O negro, mesmo sendo maioria na sociedade, ficou relegado à minoria.

Segundo dados da publicação *Síntese de indicadores sociais* (2000), que reúne informações de pesquisas do IBGE, em 1999, a população brasileira

era composta por 54% de pessoas que se declararam brancas, 5,4% de pretas, 39,9% de pardas e 0,6% de amarelas e indígenas. Apesar da expressividade numérica da população negra ou parda no Brasil e de algumas melhorias, as desigualdades continuam. Na educação e no trabalho os negros ainda têm menos oportunidades que os brancos. Os negros também estão mais expostos à violência.

As diferenças referentes à educação diminuíram nas duas últimas décadas, mas ainda são significativas. Em 1999, a taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos de idade ou mais era de 8,3% para brancos e de 21% para negros, e a média de anos de estudo das pessoas com 10 anos de idade ou mais é de quase seis anos para os brancos e cerca de três anos e meio para negros.

Apesar dos avanços nas últimas décadas na área da educação, com declínio do analfabetismo e aumento da escolarização e da escolaridade média, há muito que se fazer para alcançar níveis de qualidade, eficiência e rendimento do ensino compatíveis com as necessidades atuais e futuras de empregabilidade e de exercício da cidadania para a população jovem e negra.

A reportagem “Um tiro no futuro”, da revista *Carta Capital* de dezembro de 2006 (edição 424), assinada por Phydia de Athayde, apresenta constatações que revelam as segregações social e racial que assolam nosso país. As vítimas são fundamentalmente homens negros. Os jovens negros têm um índice de vitimização 85,3% superior aos brancos. Nessa perspectiva, em que parece que todos se tornam inimigos, a sociedade tem de encontrar um “bode expiatório”: os jovens, os jovens negros que moram

na periferia, que são vistos pela sociedade ao mesmo tempo como as grandes vítimas e grandes agentes da violência. A partir daí, Phydia de Athayde levanta uma questão muito importante: os jovens que são mortos nas favelas com certeza não são todos criminosos, e mesmo que fossem isso não significa que deveriam morrer. A verdade é que o jovem pobre vive em um ambiente conflagrado e, mesmo que não seja criminoso, fatalmente está mais exposto ao crime.

Levando em consideração os dados acima, o professor Jaílson de Souza e Silva (2006) sintetiza: ser negro, jovem e morador da periferia ou da favela é portar um *kit estigma* que gera um risco cotidiano de perder o direito mais fundamental do ser humano, o de sobreviver. Segundo Silva, encontrar caminhos para combater esse fenômeno talvez seja a questão mais relevante para a construção de uma vida mais digna e humana nos grandes centros brasileiros atuais. E na busca de melhor se compreender este fenômeno, cabe levar em devida conta o papel dos grandes meios de comunicação na difusão de uma representação estigmatizante da juventude negra e pobre.

Apesar do direito à comunicação ser garantido a todos, os negros, de forma geral, não participam ativamente do processo comunicativo e não se veem representados na mídia massiva. Quando são representados, muitas vezes, aparecem de forma preconceituosa e em papéis subalternos. Por isso, torna-se relevante a busca por iniciativas de valorização da cultura negra e de apropriação do direito à comunicação. Neste sentido, o programa *UFJF: Território de Oportunidades* e, em especial, o projeto *Jornal e rádio no UFJF: Território de Oportunidades* contribuem para o exercício da cidadania dos jovens envolvidos.

O UFJF: Território de Oportunidades

A Universidade Federal de Juiz de Fora, criada em 1960, é polo acadêmico e cultural de uma região de 2,5 milhões de habitantes no sudeste do estado de Minas Gerais. Juiz de Fora, situada na Zona da Mata mineira, tem cerca de 510 mil habitantes e é a quarta maior cidade do estado. Além das atividades de graduação e pós-graduação, a universidade realiza diversos projetos sociais que dão assistência à terceira idade, à juventude e às crianças, principalmente das regiões que cercam o *campus* universitário. Entre essas iniciativas esteve o programa *UFJF: Território de Oportunidades*.

O programa surgiu a partir de um incidente ocorrido no *campus* da universidade; dois grupos de jovens enfrentaram-se e se agrediram durante um Domingo no *Campus*. Os jovens, que eram moradores dos bairros vizinhos ao *campus*, estabeleceram uma rivalidade baseada na moradia em um ou outro bairro. Assim, os moradores de certa localidade, ainda que não conheçam os outros de locais diferentes, são em princípio “estrangeiros” a serem temidos e enfrentados. Foi aí que a ideia de criar um projeto de extensão para atender esses jovens nasceu.

As autoras do artigo *O Projeto UFJF: Território de Oportunidades*, Maria Aparecida Tardin Cassab e Maria Carolina Ribeiro Portella (2006), apontam a necessidade de se pensar na própria existência do *campus* no espaço da cidade como outro fator que deve ser levado em conta. A UFJF está localizada entre dois bairros, Dom Bosco e a região de São Pedro (incluindo Jardim Casablanca, Adolfo Vireque, Nossa Senhora de Fátima), que têm grande número de jovens vindos dos segmentos subalternizados. É

preciso, então, que sejam criadas alternativas para que o espaço da universidade possa ser defendido como um espaço público e de oportunidades.

O objetivo do programa *UFJF: Território de Oportunidades* é que os jovens participantes atuem na produção das atividades e eventos, em sua realização e como animadores culturais que estabeleçam elos entre seus bairros e grupos de origem e as ações promovidas pela universidade. O projeto, que já atendeu a duas turmas de jovens – dos bairros São Pedro, Dom Bosco, Santa Cândida e Granjas Betânia –, funciona dividido em três grupos diferentes:

- 1º grupo: as oficinas de língua estrangeira e informática;
- 2º grupo: as atividades de acesso à cultura e aos bens simbólicos socialmente produzidos e, de forma desigual, apropriados. São atividades do Ciclo de Cinema, do Programa de Rádio Feminista e outras;
- 3º grupo: atividades que articulam a cultura a formas específicas de trabalho corporal. Neste grupo estão a oficina de capoeira e a educação física.

O programa começou em 2005 e a parte de comunicação ficava restrita ao *Programa de Mulher*, um informativo feminista de rádio que contava com a participação de meninas do *UFJF: Território de Oportunidades*. Em virtude da percepção da demanda de incluir todos os adolescentes em um projeto de comunicação, as oficinas de rádio e jornal impresso surgiram, em 2006, dando origem ao *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*. Estas foram de-

finidas a partir de uma compreensão da necessidade de inserção dos jovens na contemporaneidade.

Jornal e rádio no UFJF: Território de Oportunidades

Dentre as atividades do 2º grupo, descritas acima, estavam as oficinas de rádio e jornal impresso, que faziam parte do projeto *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*. O objetivo do projeto foi o de contribuir, por meio de suas duas oficinas, para o desenvolvimento do senso crítico dos adolescentes em relação à mídia massiva, proporcionando a eles a possibilidade de aprenderem e compreenderem o processo de produção, edição e veiculação de notícias. Na oficina de rádio os alunos produziam programas de cunho especial temático e multitemáticos informativos, sendo responsáveis por todas as etapas de elaboração dos conteúdos, desde a pauta até a locução. Já na oficina de jornal eles participavam da criação de textos noticiosos para um jornal impresso, recebendo para isso aulas sobre técnica de redação jornalística.

As produções das duas oficinas tinham como foco o bairro dos jovens, o cotidiano que os cerca, visando fortalecer e valorizar sua identidade. Em conjunto, estas duas oficinas procuravam oferecer aos jovens uma visão ampla da comunicação em nossa sociedade, mostrando o papel transformador exercido pelo comunicador. Procurou-se, igualmente, incentivar os jovens a encontrar formas diferenciadas de representar o mundo e sua comunidade.

Pensando na oficina de rádio, percebemos, durante as atividades, que os jovens ficaram menos inseguros e demonstraram maior empenho e envolvimento. Os alunos começaram a oficina sentindo-se

incapazes e terminaram cientes de sua capacidade de expressão. Essa foi, talvez, a maior conquista da oficina de rádio: os jovens, em diferentes escalas, perceberam que tinham muito a dizer e que o fato de serem pobres e negros não os tornava menos ricos culturalmente ou vazios de conhecimento.

A negritude como pauta do UFJF: Território de Oportunidades

O número de negros que participaram do projeto era bastante significativo e, como o conteúdo das produções era definido por eles, a negritude foi um tema recorrente. Ao abordar o tema, pretendemos valorizar a cultura local e racial dos adolescentes, mostrando a eles a importância da manifestação de seus próprios elementos culturais em detrimento daqueles impostos pela sociedade globalizada e deslocando-os da posição de receptores para emissores de informações e opiniões.

Cicilia Peruzzo (2006) considera que a prática da cidadania não reside apenas no acesso à informação, mas também no acesso ao *poder de comunicar*, sendo uma condição para a ampliação da cidadania. Neste sentido, a educomunicação aparece como uma alternativa para deslocar os adolescentes do papel de meros receptores para emissores, exercendo assim sua cidadania. A educomunicação é aqui entendida na visão de Mario Kaplún, como *leitura crítica dos meios*. Porém, como esclarece Ismar de Oliveira Soares (1989), fazer a leitura crítica dos produtos oferecidos pela indústria cultural não significa a rejeição, pura e simples, desses instrumentos de inter-relação humana. Conforme Soares, é justamente porque acreditamos ser importante para a sociedade

a ampliação de espaços para o trabalho dos veículos sérios e responsáveis que julgamos prudente conhecê-los melhor.

A pauta negritude foi trabalhada com os jovens do projeto de diversas formas. José Geraldo Azarias, conhecido como Zaca, diretor do Cerne, Centro de Referência da Cultura Negra de JF, a título de exemplo, concedeu uma entrevista coletiva aos adolescentes. Anteriormente, foram passadas informações básicas sobre o que é e como funciona uma coletiva de imprensa. Os jovens demonstraram interesse especialmente quando o entrevistado falou sobre ações sociais nos bairros Santa Cândida (Rádio Mega) e Granjas Betânia (projeto Fala Betânia, que oferecia oficina de teatro à comunidade), que valorizavam a cultura negra. “Vocês devem valorizar essas iniciativas, não deixá-las morrer. O movimento negro tem conhecimento dessas ações e tem muito orgulho delas...”, disse Zaca.

A partir daí e de pesquisas na internet, os jovens produziram um programa de rádio sobre negritude e preconceito. O programa foi composto de entrevistas, piadas, curiosidades, músicas e depoimentos dos adolescentes sobre o preconceito racial. Houve problemas como a escolha do nome do programa, “rádio pinel”, que reproduz o conteúdo da mídia massiva. Entretanto, acreditamos que a contribuição para o exercício da cidadania dos jovens foi significativa. O primeiro grande aspecto positivo do programa foi a apropriação do direito à comunicação dos adolescentes, pois o conteúdo foi escolhido e produzido por eles, que, assim, ganharam voz.

O programa foi feito por meio de pesquisas, entrevistas, conversas e reflexões sobre o tema e, por-

tanto, os jovens realizaram a leitura crítica dos meios. E, nesse programa específico, a grande contribuição foi no sentido da valorização da cultura negra, à qual pertencem muitos dos jovens. E mesmo aqueles que não pertencem a essa cultura aprenderam a valorizá-la e admirá-la.

Em um dos eventos promovidos pelo projeto, uma apresentação de “rádio no escuro”¹, o tema abordado foi a capoeira. A capoeira é uma expressão cultural brasileira desenvolvida no Brasil por negros escravizados africanos e seus descendentes e, portanto, constitui mais uma forma de valorização da cultura negra.

Por meio dessas atividades e de uma série de discussões sobre o tema durante as oficinas de jornal e rádio, pretendemos contribuir para que os jovens lessem criticamente os meios de comunicação, percebendo que o que a mídia massiva veicula pode estar errado e que, com a apropriação do direito à comunicação, é possível mostrar outros pontos de vista, valorizando a cultura negra e lutando contra o preconceito.

Contribuição ao exercício do direito à comunicação

O direito à informação é assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela Constituição Brasileira de 1988 e o direito à comunicação é garantido por acordos internacionais, mas, muitas vezes, esses direitos limitam-se à teoria.

1 Essa é uma modalidade de veiculação radiofônica que consiste na emissão de conteúdo em um ambiente escuro com a intenção de que a audição sobressaia ao sentido da visão.

Para Cicilia Peruzzo (2006), os meios de comunicação a serviço de interesses populares têm importância para a mobilização, visando à transformação social. Ao divulgar novas fontes de informação, o cidadão comum é colocado como protagonista do processo, exercendo sua cidadania.

Contribuindo para o exercício do direito à comunicação, a educomunicação constitui uma alternativa para deslocar os adolescentes do papel de meros receptores para emissores, exercendo assim sua cidadania.

Outra contribuição importante para a cidadania dos jovens deu-se por meio da utilização do *campus* pelo programa *UFJF: Território de Oportunidades* para a quebra de tabus. Os jovens começaram a ver a universidade como um espaço possível e público e que, portanto, é deles.

Isso porque as universidades públicas brasileiras, apesar dos programas de inclusão, como o sistema de cotas, de forma geral, ainda não se constituem em ambientes de igualdade racial. Porém, a mais recente PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE (2000) revela um dado alentador: na última década, o percentual de brasileiros que se declaram negros ou pardos no ensino superior subiu de 18% para 30%. Um fato ocorrido durante a oficina de rádio demonstra a não identificação da universidade pública como um espaço possível para os adolescentes negros. Um adolescente participante do projeto *Jornal e rádio no UFJF: Território de Oportunidades*, ao receber um convite para participar de uma festa no *campus* da universidade respondeu: “Não, obrigado! As pessoas me olham estranho aqui. Quando eu passo as meninas escondem a bolsa”.

Considerações finais

Os negros ainda enfrentam desigualdades no Brasil. O mercado de trabalho, a educação e a cultura oferecem oportunidades diferentes para negros e brancos. Como vimos no artigo, conquistas importantes, como a redução do analfabetismo entre negros, estão acontecendo. Por outro lado, os jovens negros são as maiores vítimas da violência que assola o País.

E, diante disso, muitas vezes, as páginas policiais são os únicos espaços destinados aos negros na mídia massiva. Levando em consideração o impacto da mídia, esse fato pode ter efeitos catastróficos na constituição da identidade da população negra e agravar preconceitos e o abismo de oportunidades entre negros e brancos.

O exercício do direito à comunicação é de suma importância para buscar uma comunicação mais democrática e plural e contribuir para a ampliação da cidadania. Assim sendo, apresentamos aqui o projeto *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*.

Avaliamos que, por meio das discussões e atividades sobre a negritude, contribuimos para a valorização da cultura negra e para o desenvolvimento do senso crítico dos adolescentes. E, sendo mais críticos, esses adolescentes poderão fazer frente aos estereótipos disseminados pela mídia e lutar pela desconstrução de preconceitos.

Referências

ANDRADE, D. **A personagem negra na telenovela brasileira: representações da negritude em “Duas caras”**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Juiz de Fora, UFJF, 2009.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CASSAB, M. A. T.; PORTELLA, M. C. R. O Projeto UFJF: território de oportunidades. In: CASSAB, M. A. T. **Para construir espaços solidários**: uma metodologia de trabalho com jovens. Juiz de Fora: UFJF, 2006. p. 33-44.

GUIMARÃES, L. L. Pensar a comunicação para valorização das identidades culturais. In: COLÓQUIO MÍDIA E AGENDA SOCIAL – DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO, I., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2007. 1 CD- ROM.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KAPLÚN, M. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Torre, 1998.

LAHNI, C. R.; FIGUEIREDO, M. A. C. O negro na TV visto por jovens afro-descendentes. In: COUTINHO, I.; SILVEIRA JR., P. M. da. (Orgs.). **Comunicação & Cultura Visual**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. v. 1. p. 117-134.

MURANGA, K. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: DELGADO, I. G. et al. (Orgs.). **Vozes (além) da África**. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação como direito. In: Encontro Regional de Comunicação, 4., 2006, Juiz de Fora. **Palestra**. Juiz de Fora: 2006.

SOARES, I. O. **Para uma leitura crítica dos jornais**. São Paulo: Paulinas, 1989.

TRINTA, A. R. Identidade, identificação e projeção: telenovela e papéis sociais no Brasil. In: COUTINHO, I.; SILVEIRA JR., P. M. da (Orgs.). **Comunicação: tecnologia e identidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Internet

IBGE. **Síntese de Indicadores – 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/discriminacao/ontemhoje.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SANTOS, M. **Ser negro no Brasil hoje**. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/antro-version-imprimir.php?id_articulo=527>. Acesso em: 20 out. 2008.

SILVA, J. de S. e. **Juventude, favelas e os grandes meios de comunicação**. 2006. Disponível em: <www.fazendomedia.com/novas.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2007. ISBN 151105.

260